

# Mais 4 anos e o desafio de fazer o país crescer

FH toma posse hoje anunciando compromisso com justiça social

Adriana Vasconcelos e Catia Seabra

BRASÍLIA

**P**rimero chefe de Estado brasileiro a ser reeleito pela força do voto direto — foram 35.936.918, ou 53% dos votos válidos — o presidente Fernando Henrique Cardoso reinicia hoje mais quatro anos de mandato reafirmando, em discurso no Congresso, o compromisso de combater o desemprego e a exclusão social. Em meio à crise financeira mundial que atingiu o país e sob a previsão de dificuldades para o primeiro trimestre de 1999, Fernando Henrique pretende, no entanto, transmitir ao país otimismo. No discurso, enfatizará a necessidade de criação de postos de trabalho e de redistribuição de renda, assegurando que seus esforços estarão concentrados no desenvolvimento e na área social. Para tanto, fará um apelo ao Congresso para que aprove as medidas do ajuste fiscal durante a convocação extraordinária, a partir de segunda-feira. Nas eleições de outubro a base governista encolheu ligeiramente na Câmara — de 402 para 389 deputados — mas continua sólida.

— Se enfrentarmos a crise externa e o ajuste fiscal interno com determinação, poderemos terminar 1999 com terreno limpo para acelerar o crescimento econômico e avançar nos projetos sociais — adianta o novo secretário de Estado das Relações Institucionais, Eduardo Graeff.

O presidente, segundo seus aliados, está disposto a transformar o novo Ministério do Desenvolvimento no coração do Governo, onde serão orquestradas as principais ações para os próximos quatro anos. Fernando Henrique tem repetido que quer cumprir seu plano de metas e suas promessas de campanha: mais investimentos na área social e redistribuição de renda. Seu temor é o risco de agravamento da crise internacional, que torna o clima desta segunda posse menos eufórico.

— Os grandes desafios que o Brasil precisará vencer são os mesmos que atormentam os países poderosos: criação de postos de trabalho e combate à exclusão social — diz o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha.

## FH já insistia em justiça social no discurso de 95

A ênfase na justiça social já era tema do discurso de 1º de janeiro de 1995, quando Fernando Henrique afirmou ao tomar posse no Congresso: "Temos de volta a liberdade e teremos desenvolvimento. Falta a justiça social. É este o grande desafio do Brasil neste fim de século e será este o objetivo número um do meu governo." Quatro anos depois, o resultado divide opositores e aliados. Para o deputado reeleito José Genoíno (SP), vice-presidente do PT, as condições sociais do Brasil estão ainda piores hoje.

— O desemprego está atingindo proporções alarmantes

e a situação vai piorar em 99, com a recessão — prevê.

Mas o tucano Arnaldo Madeira, líder do Governo na Câmara e também reeleito, vê a situação com outros olhos:

— Pela primeira vez no Brasil, 95% das crianças em idade escolar estão estudando. Os gastos na saúde dobraram. Diminuiu a mortalidade infantil — exemplifica.

## Planalto aposta em crescimento, mas só com ajuste

A expectativa é que o discurso de hoje dure cerca de 20 minutos. O presidente deverá fazer um balanço dos primeiros quatro anos de governo e lembrar as dificuldades enfrentadas. Ele certamente ressaltará que sacrifícios como o aumento de impostos e a elevação dos juros serão passageiros. Segundo o porta-voz Sérgio Amaral, Fernando Henrique vai reiterar sua confiança no país e na retomada, em breve, do crescimento:

— Já tivemos um avanço significativo no combate à fome e a nossa economia está resistindo bem aos percalços provocados pela crise mundial.

Sobre crescimento, Fernando Henrique afirmava na posse de 95: "Hoje não há especialista sério que preveja para o Brasil outra coisa que não um longo período de crescimento." Enquanto Genoíno conclui que o presidente fez "o contrário do que prometeu", Madeira, apesar de reconhecer que o Brasil não tem crescido no ritmo de que o Governo gostaria, considera que o crescimento foi significativo:

— Desde a década de 70 não tínhamos cinco anos de crescimento contínuo — sustenta o líder tucano.

Embora a explosão de vendas no comércio durante o Natal esteja sendo vista com cautela pela equipe econômica, cresceram no Planalto as expectativas de que o desempenho da economia em 99 não seja mais tão ruim.

— Ainda é cedo para uma avaliação. Não dá para fechar um diagnóstico com base no comportamento de apenas alguns setores da economia. Mas aparentemente a coisa não será tão feia como se esperava — diz Graeff.

Madeira destaca que a retomada do crescimento este ano depende da aprovação do ajuste fiscal durante a convocação extraordinária, que tem em pauta medidas como o aumento da alíquota e a prorrogação da CPMF.

O presidente espera reforços a partir deste mês nas negociações com o Congresso. Se montou no Planalto uma equipe técnica, por outro lado deu um perfil mais político ao Ministério. A pedido do presidente, o novo ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, ficará no centro das articulações políticas.

— Temos no Congresso matérias essenciais para o sucesso do ajuste. Faremos tudo para aprová-las no menor prazo. O futuro do país depende disso. O Congresso tem consciência exata da gravidade da situação e não deverá negar seu apoio — diz Pimenta, que contará com a ajuda de Padilha e do também ministro Francisco Dornelles (Trabalho e Emprego).